



COLHENDO HISTÓRIAS

· SINTONIZANDO GERAÇÕES ·

L I N H A A N D R É A S



COLHENDO HISTÓRIAS

· SINTONIZANDO GERAÇÕES ·

LINHA ANDRÉAS

Projeto: **Colhendo Histórias, Sintonizando Gerações**

1º edição: Especial 130 anos de Vila Palanque, outubro 2022

2º edição: Especial 150 anos de Linha Isabel, setembro 2023

3º edição: Especial de Linha Andréas, setembro 2024

Captação e organização das histórias: Moacir Eisermann;

Produção e edição dos vídeos: Luís Graef

Projeto gráfico e diagramação: Heloísa Fischer e Michele Posselt

Produção e edição do conteúdo em áudio: Moacir Eisermann, Guilherme Hertzer e Lisandro Wessling

Produção e edição do conteúdo escrito: Bruna Quintana e Michele Posselt

Revisão do conteúdo escrito: Júnior Posselt

Coordenação: Fernanda Uhry

Realização do Projeto: Lei Paulo Gustavo - Ministério da Cultura - Governo Federal

Patrocínio: Organização Kist, Züge Esquadrias, Mercado Schuh, Posto Serrano, CR Richter Transportes e Wollmann Materiais de Construção.

Todos os direitos desta produção reservados à Rádio Venâncio Aires
Rua 7 de Setembro, 1441, Centro, Venâncio Aires - RS, Brasil.

Sumário

- *A jornada de chegada: A viagem de 100 dias dos primeiros imigrantes rumo à região - 6*
- *A distribuição das terras: Os primeiros imigrantes e suas famílias - 8*
- *Produção agrícola: Cultivos predominantes na localidade - 9*
- *As sociedades comunitárias da localidade- 10*
- *O coral de Linha Andréas - 13*
- *A Sociedade Tiro ao Alvo - 18*
- *A Sociedade de Lanceiros - 19*
- *A Sociedade de Damas Tulipa - 20*
- *O Grupo Sol Nascente - 22*
- *A tradição do carnaval em Linha Andréas - 24*
- *A biblioteca alemã centenária - 26*
- *Caminhos da educação - 30*
- *Paixão pelo futebol: Dois times que fizeram história na localidade - 33*
- *A história e a missão da Comunidade Evangélica - 38*
- *O cristianismo e o surgimento da Comunidade Católica Santo André - 40*
- *Cemitérios - 42*
- *O primeiro hospital de Venâncio Aires - 44*
- *Os moinhos como fontes de energia - 46*
- *Monumento histórico: A roda do moinho - 49*
- *A força do Arroio Sampaio - 51*

- *Atendimento odontológico - 53*
- *A farmácia - 55*
- *A tradição das parteiras - 56*
- *As antigas casas comerciais - 57*
- *Uma história de sucesso: Odilo Richter & Cia Ltda - 60*
- *A arte da madeira: A experiência dos colonos alemães na carpintaria e serrarias - 62*
- *A história dos ferreiros de Linha Andréas - 63*
- *A terra dos motoristas de ônibus - 65*
- *Curiosidade: Compras à cavalo - 66*
- *A origem do nome de Linha Andréas - 67*
- *A trajetória de vida dos contadores de histórias: Biografia de Iolandi Schmidt - 71*
- *A trajetória de vida dos contadores de histórias: Biografia de Mário Masseroni - 72*
- *A trajetória de vida dos contadores de histórias: Biografia de Alexandre Eichler - 73*
- *A trajetória de vida dos contadores de histórias: Biografia de Elário Richter - 74*
- *A trajetória de vida dos contadores de histórias: Biografia de Mariléia Eichler - 75*
- *A trajetória de vida dos contadores de histórias: Biografia de Eara Henckes - 76*

Esse trabalho conta como foram os avanços dos imigrantes e as dificuldades superadas até a Nova Colônia.

Até a chegada, os imigrantes passaram por terrenos planos, matas fechadas e subiam as serras. O clima era mais quente em comparação ao de sua terra natal.

Os imigrantes seguiam um sonho. Percorriam longas viagens por mar e terra. O destino seria um vale ainda selvagem, mas com a promessa de solos férteis, além de sementes e ferramentas.

O caminho era aberto a facção. As paradas para um breve descanso ocorriam ao longo de um córrego. Todos queriam chegar logo à nova colônia. E, após vários quilômetros de andanças, finalmente avistaram o lote que se tornaria o Vale do Alto Sampaio.

Ali, então, as casas seriam construídas. Os imigrantes tomavam cuidado e escolhiam as madeiras mais resistentes ao apodrecimento. Com o machado, a árvore era derrubada. Cipós da mata eram utilizados como amarras para arrastar os troncos. Sempre havia um com entendimento em carpintaria no grupo. Com uma serra alongada e a ajuda de dois homens, a madeira era manipulada.

A casa iniciava com os mourões, sobre os quais eram adicionadas as vigas. Depois vinham as peças do telhado, e iniciava o trabalho de encaixe. As peças, na maioria, eram no estilo enxaimel, como as janelas, portas e outros detalhes.

Na cozinha, havia uma mesa e bancos. Sobre o fogão, estavam panelas, conchas e outros utensílios penduravam. Da fumaça do fogão já se fazia a defumação. Se na Alemanha o fogão servia para calefação devido ao frio, na nova colônia, com clima mais quente, ele era fixado na cozinha. Era construído em uma armação de barro e coberto com uma chapa de ferro. As bocas eram para o fogo, para o cinzeiro, para armazenar a lenha e preparar alimentos.

Mas isso era só o começo...

A jornada de chegada: A viagem de 100 dias dos primeiros imigrantes rumo à região

A chegada dos colonizadores da região da Boêmia ao Brasil, registrada em 1876, ocorreu em um contexto marcado por guerras e desemprego na Áustria-Hungria. As promessas de terras férteis e a oferta de sementes, atraíram muitos que se aventuravam em busca de uma vida melhor. A jornada marítima, que durava aproximadamente 100 dias, era árdua e resultava na morte de muitos durante o trajeto, até a chegada em São Sebastião do Caí. A partir desse ponto, os imigrantes boêmios eram distribuídos pelo Rio Grande do Sul por meio de carros de boi, com o objetivo de explorar as áreas designadas.

Em 1876, alguns desses colonizadores se estabeleceram em Venâncio Aires, na parte mais elevada da colônia Sampaio. Entre os pioneiros, destacam-se Heinrich Ludwig, Andréas Feix, Franz Endler,

Thomé de Flores, Jacob Heussler, Heinrich Wagner, Anton Grünewald, August Seidel, Johann Freder, Jacob Fessner, Johannes Franzhosen, Eduard Sängner, João Muniz, Richard Becker, Franz Richter, Wilhelm Damann, Claus Damann, Bertolin da Silva, Josef Kaulfuss, Josef Richter, Jakob Bienert, Wilhelm Weiss, Wilhelm Garbrecht, Marcus Dreher, Eduardo da Bandeira e Philipp Schweikert.



Dentre os pioneiros germânicos, haviam famílias de origem lusa, como Flores, Muniz, Silva e Bandeira. Esses grupos familiares, originários de ervais nativos, não permaneciam por muito tempo entre os imigrantes boêmios, devido às dificuldades de socialização, idioma e diferenças de costumes.



A distribuição das terras: Os primeiros imigrantes e suas famílias

Os lotes foram distribuídos partir de 1873 conforme registros. Exemplo a chegada de Anton Uhry ao lote 2. Anton teve 16 filhos sendo um deles era Adolf Uhry que seria o pai de Oscar Uhry. A partir da divisão destes lotes nos anos seguintes cerca de 100 imigrantes já ocupavam a Alto Sampaio em 1976 de forma organizada.

Sampaio: Zum 50-jährigen Jubiläum

Vergleichende Statistik der Theresenpflade.

Nr.	Nr. des Grundstückes	Nr. der Familien	Nr. der Familien	Nr. der Familien
Nr.	Nr. des Grundstückes	Nr. der Familien	Nr. der Familien	Nr. der Familien
1.	1873	4	1. Anton Uhry	1. Anton Uhry
2.	1873	6	2. Adolf Uhry	2. Adolf Uhry
3.	1873	4	3. Anton Uhry	3. Anton Uhry
4.	1873	8	4. Anton Uhry	4. Anton Uhry
5.	1873	5	5. Anton Uhry	5. Anton Uhry
6.	1873	6	6. Anton Uhry	6. Anton Uhry
7.	1873	7	7. Anton Uhry	7. Anton Uhry
8.	1873	8	8. Anton Uhry	8. Anton Uhry

Esses pioneiros enfrentaram inúmeras dificuldades ao se estabelecerem em uma terra desconhecida, cercada pela mata nativa. A primeira necessidade foi garantir a sobrevivência alimentar, levando o desmatamento da floresta e o preparo do solo para o cultivo. Com perseverança, começaram a abrir estradas e áreas de plantio, e, aos poucos, a fartura chegou às mesas.

O desenvolvimento da comunidade foi gradual, mas significativo. Com o tempo, surgiram igrejas, escolas e outras instituições que contribuíram para a coesão social e o progresso local. Em 1923 a população local já ultrapassava 200 habitantes.

O período, de 1876 a 1923, ilustra o desenvolvimento acelerado da comunidade. A expansão dos lotes, o desbravamento das estradas e a construção de escolas e capelas foram fundamentais para a integração dos imigrantes à nova realidade.

Produção agrícola: Cultivos predominantes na localidade

Os imigrantes de origem germânica que vieram para o Rio Grande do Sul não encontravam qualquer semelhança com a paisagem que conheciam previamente e a floresta era completamente nova para eles. Nessas matas fechadas, encontravam cobras e animais, que representavam uma ameaça.

Nos primeiros dias da nova colonização, os imigrantes lutavam principalmente contra a fome na localidade que viria a ser conhecida como Linha Andréas. As primeiras colheitas realizadas pelos colonos eram destinadas apenas à subsistência familiar. Na limpeza das terras, tanto naquele período quanto atualmente, frequentemente eram realizadas queimadas. Normalmente, escolhiam o horário do meio-dia, quando a brisa ajudava na propagação do fogo. Em pouco tempo, o verde dava lugar ao terreno queimado. Subsequentemente, o colono iniciava a atividade de lavrar e semear.

Os cultivos iniciais incluíam arroz, milho, feijão, soja e batatas para o sustento próprio, além de pasto para os animais. Juntamente com essas plantações, também eram cultivadas frutas, em lavouras diversificadas. Atualmente, a produção de tabaco, que outrora foi muito mais significativa e rentável na localidade, continua a ser uma atividade presente nas famílias da região, como exemplificado por Alexandre Eichler, Alcido Pohl, Rogério Petry, Valmor Back, Fernando Kaulfuss, Jaime Pohl, entre outros.

As sociedades comunitárias da localidade

A formação das sociedades após a chegada dos primeiros imigrantes à Linha Andréas desempenhou um papel crucial no fortalecimento e no desenvolvimento da região, consolidando-se, ao lado da família e da igreja, como a terceira célula fundamental na vida dos colonos teuto-brasileiros. Estas sociedades, até os dias atuais, servem como centros de encontro entre os moradores, promovendo atividades culturais, esportivas e sociais que enriquecem a rotina da comunidade local. Elas desempenham um papel essencial na preservação das tradições, no fomento à solidariedade e no fortalecimento dos laços sociais.

O início dessa tradição remonta à fundação da Sociedade de Canto Frohsinn, em 3 de janeiro de 1892, a qual materializou o desejo dos moradores locais de criar uma organização que refletisse a importância do canto na vida dos imigrantes alemães, que possui presença constante, em momentos de alegria e adversidades. Os imigrantes cantavam sozinhos, em família, com amigos ou em sociedade. Há registros que, mesmo antes da fundação formal da sociedade, as pessoas se reuniam sempre que possível para conversar e cantar, seja em casa, festas, cultos, igrejas ou reuniões sociais. Franz Endler foi nomeado o primeiro presidente dessa sociedade.

Como descendentes de boêmios, os membros também cultivavam o hábito da leitura, o que levou à fundação de uma sociedade de leitura em 1900. Em 1904, as duas sociedades foram unificadas, formando a Sociedade de Leitura e Canto Frohsinn, cujo nome em alemão significa "alegria, diversão e lazer". Em 1911, a sociedade publicou seus estatutos em língua alemã e, em 1957, na língua portuguesa.

A primeira bandeira com o nome "Frohsinn" foi adotada em 1917, apresentando, de um lado, as cores do Brasil e da Alemanha do outro. A atual, inaugurada em 1983, preserva o nome original da localidade, Alto Sampaio, tal como era conhecido em 1892. Estima-se que a expressão "Frohsinn" tenha sido substituída por "Jovialidade" durante a Segunda Guerra Mundial.

Ao longo dos anos, os moradores edificaram uma robusta estrutura social. Além do salão destinado a bailes e festividades, desde o ano 2000, os associados dispõem de um ginásio de esportes. Também foi construído um campo de futebol, conhecido como Esporte Clube Avante, e uma cancha de bocha, que permanece em plena atividade. Contudo, algumas entidades que outrora desempenharam papéis importantes na comunidade, encontram-se atualmente desativadas. Entre essas, destacam-se o bolão, o Grupo de Jovens e o Grupo da Terceira Idade Frohsinn, fundado em 11 de julho de 2002.

Ainda assim, a localidade mantém ativa uma série de atividades culturais e recreativas. O coral, o carnaval infantil e adulto, o futebol de salão e de campo, assim como os jogos de cartas, continuam a ser praticados regularmente. A Sociedade de Damas Tulipa e o Grupo do Lar Sol Nascente, fundado em 15 de novembro de 1985, reúnem-se mensalmente para jogos de canastra e bolãozinho. A cancha de bocha, além de seguir em operação, participa de campeonatos, contribuindo para a preservação da tradição esportiva local.

Até a década de 1920, a localidade de Linha Andréas era também marcada pela presença de uma Sociedade de Lanceiros e uma Sociedade de Tiro ao Alvo, além de vários salões de baile particulares, como o Salão Franck e o Salão Foltz. Na mesma época, havia uma cancha de carreira nas proximidades dos fundos da sociedade, junto ao arroio Sampaio. Após sua desativação, Balduino A. Vogt, juntamente com alguns amigos, estabeleceu uma nova cancha em sua propriedade, situada mais ao norte da sociedade. Existia também uma cancha de carreira reta, utilizada para corridas de cavalos.

Desde 2005, em conformidade com o novo Código Civil Brasileiro, a palavra "sociedade" foi substituída por "associação" em todas as organizações sociais e culturais, refletindo as mudanças nas normas legais aplicáveis a essas entidades.

O coral de Linha Andréas



A história do canto coral em Linha Andréas remonta aos primeiros anos da chegada dos imigrantes boêmios, que sentiram a necessidade de criar formas de interação e convivência social em sua nova terra. Essa vontade coletiva deu origem a Sociedade de Canto Frohsinn, em 3 de janeiro de 1892. Este movimento cultural representou o primeiro esforço organizado para fortalecer a coesão da comunidade e preservar tradições musicais.

Em uma reunião inicial, da qual participaram os senhores Frantz Endler, Paul Hermann, Franz Benesch, Johann Ludwig, Anton Schneider, Stefan Feix, Gregor Lang e Wilhelm Schneider, foram lançadas as primeiras bases da sociedade. Ela ocorreu em 1º de janeiro de 1892, e, provavelmente, durante a semana. Apenas dois dias depois, em 3 de janeiro de 1892, foi formalmente fundada a sociedade de canto, estabelecendo a pedra fundamental da organização.

Um dos membros fundadores, Alvis Tschiedel, assumiu a direção do coral, tornando-se o primeiro regente. Nos primeiros ensaios, ele copiou as partituras à mão, e, mais tarde, a sociedade adquiriu quatro livros de Regensburger Liederkranz, com arranjos em quatro vozes e uma partitura.

As primeiras apresentações ocorreram no bar de Anton Uhry, com um coral composto exclusivamente por cantores masculinos. Ao longo dos anos, o grupo teve diversos regentes, onde se destacam Heinrich Röhsler, que permaneceu no cargo por 54 anos. Após sua gestão, Fernando Eichler assumiu a regência, seguido por outros que não foram registrados, mas que desempenharam papéis igualmente importantes. Segundo relatos de Elário José Richter, coralista por muitos anos, Ivo Eichler foi regente até meados de 1973, quando o coral enfrentou dificuldades devido à falta de membros jovens, resultando em uma pausa temporária nas atividades.

Em 1973, Edmundo Dattein assumiu as atividades, introduzindo a participação feminina e mudando o nome para Coral Misto da Associação de Leitura e Canto Jovialidade de Linha Andréas. Dattein, liderou o coral por um longo período. Em meados da década de 1990, ao mudar-se para Linha Saraiva, foi sucedido por Elói Schmidt, que dirigiu o coral por cerca de quatro anos. Hilberto Bade assumiu a regência posteriormente, mas, devido à idade avançada, teve que se afastar, deixando o coral sem liderança. Em meados de 2005, Hilário Kretchmer assumiu a regência, permanecendo até seu falecimento, cerca de um ano e meio depois.

Após um período sem regente, Alexander Fernando Eichler, com o apoio da esposa Mariléia Richter Eichler, assumiu a liderança do coral, cargo que ocupam até os dias atuais.



O coral sempre contou com o trabalho voluntário de seus membros, com o objetivo inicial de cantar em cerimônias fúnebres de associados e familiares, tradição que perdura até os dias atuais. Além disso, participa de eventos como a Fenachim, encontros de corais, cultos ecumênicos de kerb e cerimônias cívicas.

Atualmente, o coral é dirigido por Eara Luft Henckes, com Alexandre Fernando Eichler como regente, e conta com a participação de diversos coralistas como Mariléia Andréa Richter Eichler, Bruna Richter Eichler, Rebeca Richter Eichler, Clério Bienert, Liane Bienert, Rosângela Lenhart, Valita Ebertz, Gladis Ertel, Valmor Back, Solange Back, Ingrid Richter, Ilene Siebeneichler, Elói Schmidt, Clóvis Schpecht, Erlani Schulz, Ademir Schneider, Giovane Bald e Júlia Schubert, além de muitos colaboradores que, ao longo do tempo, contribuíram para manter viva a cultura do canto coral com coragem e determinação.

Heimveh - Schon War Die Zeit (em alemão)

(chor:) |: so schön, schön war die zeit :|

Brennend heißer wüstensand,

(chor:) |: so schön, schön war die zeit :|

Fern, so fern dem heimatland.

Kein gruß, kein herz, kein kuß, kein scherz.

(chor:) |: so schön, schön war die zeit :|

Alles liegt so weit, so weit.

(refrain:)

Dort wo die blumen blüh'n,

Dort wo die täler grün,

Dort war ich einmal zuhause.

Wo ich die liebste fand,

Da liegt mein heimatland,

Wie lang bin ich noch allein?

Viele jahre schwere fron,

Harte arbeit, karger lohn,

Tagaus, tagein, kein glück, kein heim

Alles liegt so weit, so weit.

(Refrain)

(chor:) |: so schön, schön war die zeit :|

Hört mich an, ihr goldenen sterne,

(chor:) |: so schön, schön war die zeit :|

Grüßt die liebe in der ferne.

Mit freud und leid verrinnt die zeit,

(chor:) |: so schön, schön war die zeit :|

Alles liegt so weit, so weit.

Saudades de casa - O tempo era lindo (tradução)

Tão belos, tão belos eram aqueles tempos:

Queimando na areia quente do deserto,

Tão belos, tão belos eram aqueles tempos:

Longe, tão longe da minha terra natal.

*Nenhuma saudação, nenhum coração, nenhum beijo,
nenhuma brincadeira.*

Tão belos, tão belos eram aqueles tempos:

Tudo é tão longe, tão longe

(Refrão)

Lá onde as flores florescem,

Lá onde os vales são verdes,

Lá estava eu, uma vez em casa.

Onde eu encontrei o mais querido,

Ali está a minha terra natal,

Quanto tempo eu ainda estarei sozinho?

Muitos anos de trabalho pesado

Trabalho duro, baixos salários,

Dia após dia, sem felicidade, sem casa

Tudo é tão longe, tão longe

(Refrão)

Tão belos, tão belos eram aqueles tempos:

Ouçam-me, vocês, estrelas douradas,

Tão belos, tão belos eram aqueles tempos:

Cumprimentem os meus queridos à distância.

Com alegria e na tristeza o tempo está acabando

Tão belos, tão belos eram aqueles tempos:

Tudo é tão longe, tão longe

A Sociedade Tiro ao Alvo

Os imigrantes alemães que chegaram ao Rio Grande do Sul a partir de 1824 foram os responsáveis pela fundação das associações de Tiro ao Alvo, conhecidas como Schützenvereine. Essas competições desempenhavam um papel crucial na manutenção da identidade étnica dos colonos. O tiro ao alvo, portanto, é uma prática introduzida pelos primeiros colonizadores.

Em meados do século XIX, o Brasil enfrentava a necessidade de soldados, colonos e artesãos, o que elevava a importância de ter, na prática, os melhores atiradores. O Clube de Tiro ao Alvo, conhecido localmente, tem origem na tradição militar européia.

Em Linha Andréas, o primeiro estande de tiro estava localizado nas terras onde atualmente se encontra a Igreja Católica. Posteriormente, uma sede própria foi erguida nas proximidades do hospitalzinho. A modalidade, que visava identificar o melhor atirador, oferecia em média cinco tiros por participante.



A soma dos pontos determinava o "Rei do Tiro". Enquanto os atiradores disputavam e demonstravam suas habilidades, o tempo era preenchido com jogos de cartas, bolão, negócios e uma reunião dançante. O campeão do torneio frequentemente recebia uma medalha.

No Museu de Venâncio Aires, ainda é possível encontrar um modelo de alvo e sua respectiva pontuação, que destacam que quanto maior a distância do atirador, melhor era sua classificação. Com o tempo, as restrições quanto ao uso de armamento e os elevados custos associados contribuíram para mudanças na prática.

A Sociedade de Lanceiros

A Sociedade de Lanceiros representava uma das tradições culturais mais singulares e vibrantes de Linha Andréas. Fundada nas proximidades do campo do Avante, essa sociedade emergiu no final do século XX como um grupo dedicado à preservação de práticas e rituais históricos ligados à cavalaria.

"Ulano" é a designação dos soldados polacos de cavalaria ligeira, armados com lanças. Na prática, os homens montados a cavalo competiam para ver quem acertava um alvo com a lança. Dependendo do acerto e da área em que a lança atingia a esfera, os participantes recebiam uma premiação baseada no somatório de pontos. A competição não era apenas um evento esportivo. Fazia parte de uma festividade com música e dança, mobilizando toda a sociedade e convidados. A disputa dos lanceiros, assim como o tiro ao alvo dos atiradores, tinha uma origem militar.

Os Ulanos, correspondentes aos lanceiros em terras germânicas, foram incorporados às forças austríacas em 1780, e os alemães seguiram o exemplo logo depois. A partir daí, se tornaram comuns e desempenharam um papel fundamental nas táticas de choque, pois a lança se revelou superior à espada contra grandes exércitos.

A Sociedade de Damas Tulipa

Em atividade desde sua fundação em 8 de outubro de 1978, a Sociedade de Damas Tulipa, continua a cultivar tradições que enaltecem a cultura local e promovem o convívio social. Dedicada principalmente à prática do bolãozinho, o grupo se destaca entre as festividades da região. Além das atividades recreativas, as integrantes da sociedade seguem prestando apoio em atos fúnebres dos membros, reforçando os laços comunitários. Os primeiros jogos de bolãozinho aconteceram no salão Foltz, e, até hoje, o entusiasmo das damas continua a mobilizar a comunidade em torno dessa prática.



As sociedades de damas nasceram no contexto das associações de tiro ao alvo, uma atividade inicialmente restrita aos homens. Naquela época, a participação feminina era limitada a funções de apoio, acompanhando maridos e filhos nas celebrações. Com o passar do tempo, no entanto, já no século XX, as damas conquistaram o direito de participar ativamente do tiro ao alvo, e há registros de que a primeira sociedade de damas foi fundada em 1900, na região que atualmente corresponde a Santa Cruz do Sul. Esses eventos foram fundamentais para a preservação das tradições boêmias. Na Sociedade Tulipa, o bolãozinho de mesa é a principal atividade das damas, com as jogadoras sendo premiadas conforme sua pontuação, perpetuando essa prática em várias comunidades até hoje.

A tradição do bolãozinho foi mantida ao longo dos anos, assim como as festas anuais. As damas continuam participando de eventos em outras sociedades e acolhem com alegria suas convidadas durante as festividades. Com o lucro obtido nas festas, eram adquiridos os prêmios anuais para os sócios, o que proporcionava grande alegria a todos. Além disso, anualmente, era escolhida a rainha e suas princesas, títulos atribuídos às damas que obtinham a maior pontuação no jogo. A jogadora com o melhor desempenho recebia o título de rainha, seguida pela primeira e segunda princesas, conforme a quantidade de pinos derrubados.

O Grupo Sol Nascente

O Grupo Sol Nascente, fundado em novembro de 1985, é presidido por Iloni Eichler há mais de uma década. Ele é composto por mulheres que compartilham um forte apreço por atividades sociais, especialmente pelo jogo de cartas e pelo bolãozinho de mesa, que são praticados mensalmente, sempre em conjunto com as partidas de cartas. A liderança foi escolhida por consenso do grupo, e sob sua presidência, diversas atividades e eventos já foram organizados ao longo dos últimos anos.

Entre as programações, destacam-se as festividades de "Mãe Simpatia" e "Mãe do Ano", ocasiões em que os membros do grupo se reuniam com grande entusiasmo. Durante esses eventos, era comum alugar ônibus para facilitar a participação de todos, resultando em ampla adesão. Contudo, com o passar do tempo, houve uma diminuição na colaboração por parte de alguns membros, o que levou à interrupção dessas celebrações. Apesar disso, há a sugestão da retomada dessas festividades no futuro, uma ideia que Iloni considera possível.



Atualmente, o grupo conta com 65 associadas, embora em tempos passados tenha alcançado mais de 80. A satisfação geral dos participantes é evidente, e Iloni Eichler destaca o carinho e a união entre as integrantes. Além dos encontros mensais para os jogos de bolãozinho, o grupo ocasionalmente recebe palestras organizadas pela Emater. O encontro mensal do grupo ocorre sempre no último sábado de cada mês.

Anteriormente, era comum que quatro ou cinco membros fossem escolhidos para trazer uma merenda, o que incentivava momentos de confraternização, acompanhados de chimarrão. No entanto, devido à pandemia, essa tradição foi interrompida. Atualmente, embora esses encontros com lanches não sejam mais frequentes, ainda há espaço para que sejam retomados. Atualmente são comercializados pastéis preparados por Lovani Serafini, a ecônoma da sede.



A tradição do carnaval em Linha Andréas

Na década de 1930, foi criado um bloco de carnaval, sob a sombra de uma plantação de platana. Este bloco, que rapidamente se tornou uma tradição local, continua a ser organizado pela sociedade até os dias atuais.

Os integrantes usavam uniformes específicos para a ocasião e visitavam dois ou três salões, onde ocorriam as festas de carnaval. Entre os locais frequentados estavam o Salão Orlando Schulz em Vila Deodoro e a Sociedade Santo Antônio, em Linha Santana.

O transporte para os eventos era feito em caminhão aberto, e com o passar dos anos, de carro. Durante as festividades, um dos grupos musicais mais lembrados pela comunidade, era o Conjunto Posselt, que desempenhava um papel fundamental na animação do carnaval.



Um momento do carnaval de rua em Linha Andréas. Aos fundos a Casa Comercial Foltz.



Atualmente, o bloco “Mestres do Ritmo” conta com 70 integrantes e participa ativamente da Associação Carnavalesca do Interior de Venâncio Aires (Aciva), envolvendo-se em festas de carnaval em diversas comunidades. Todos os anos, o bloco participa da escolha da corte do carnaval.

O bloco é uma tradição consolidada em Linha Andréas, cultivada ao longo dos anos e mantida com grande empenho e esforço pela comunidade. Os integrantes se apresentam uniformizados e deslocam-se para as festas de ônibus ou de topique. Embora nem todos residam na comunidade, com alguns oriundos de localidades como Sério, Santa Clara do Sul, Venâncio Aires e outras regiões vizinhas, a participação serve como um meio de fortalecer os laços com a comunidade.

A tradição carnavalesca em Linha Andréas ainda inclui o bloco infantil “Os Malandrinhos”, que participa das mesmas atividades que o bloco adulto, incluindo a escolha da corte e da melhor torcida.

Uma curiosidade interessante é a formação de um bloco composto pelas mães, denominado “As Malandretes”, que também participa das festividades carnavalescas.

A biblioteca alemã centenária

A biblioteca alemã centenária, atualmente situada em uma sala da sede da Associação de Leitura e Canto Jovialidade, é um dos locais mais ricos em história e cultura para aqueles que desejam conhecer mais sobre o passado da região. O acervo da biblioteca, composto por aproximadamente quatro mil livros, inclui obras em alemão, alemão gótico e alguns volumes em português, recebidos por meio de doações. Esses livros foram trazidos da Alemanha pelos primeiros imigrantes.

Inicialmente, a biblioteca funcionava de forma ambulante, com seu acervo sendo transportado em um baú entre as casas da localidade. Em 1933, foi erguida a sede atual da Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade para abrigar a biblioteca, refletindo a importância da leitura no cotidiano das pessoas da época.

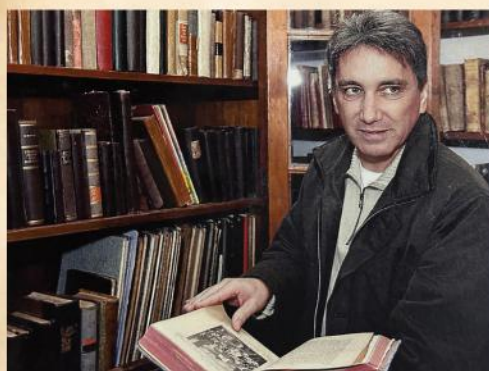
Durante a Segunda Guerra Mundial, entre 1938 e 1945, o governo proibiu o uso e a leitura da língua alemã. Em consequência, os livros da biblioteca foram coletados e armazenados no porão do Judiciário de Venâncio Aires. Neste período, houve uma grande enchente que causou a destruição de muita das que estavam armazenadas neste porão; algumas foram restauradas, mas outros se perderam. Livros encontrados boiando nas águas foram recuperados, receberam novas capas e retornaram à sala da sociedade. Durante este período, o acervo foi protegido por voluntários conhecidos como "guardiões da biblioteca", que desempenharam um papel essencial na preservação dos livros.



Placa do período de proibição de idiomas

Em 1911, o governo de Venâncio Aires revitalizou o prédio, realizando consertos, pintura e adquirindo um novo armário para melhor armazenar os diversos tipos de livros, revistas e outras publicações em alemão e português.

Um momento significativo na história da biblioteca foi a visita do ex-governador Germano Rigotto, durante a Festa Municipal do Colono em julho de 2006. Em julho de 2011, a biblioteca recebeu o 23º Fórum Gaúcho pelas melhorias nas bibliotecas escolares. Na ocasião, o Conselho de Biblioteconomia do Instituto Goethe de Porto Alegre esteve presente para conhecer o local, que foi gratificado por seu valor histórico e cultural.



Ex-governador Germano Rigotto na visitação em julho de 2006

Desde 2013, Iolandi Flávia Schmidt, moradora de Linha Andréas e responsável pela biblioteca, recebe visitantes, pesquisadores e escolas. As visitas podem ser agendadas diretamente com ela ou com a diretoria. O espaço continua a ser um importante recurso para a pesquisa sobre ascendentes e a história local.

De acordo com relatos da atual bibliotecária, os visitantes frequentemente demonstram um profundo interesse pela origem dos livros e pela razão de sua preservação. A instituição já recebeu diversas visitas de escolas, pesquisadores, escritores e estudantes de biblioteconomia e jornalismo, que realizaram pesquisas e publicações. As atividades da biblioteca foram amplamente divulgadas em jornais de vários municípios.

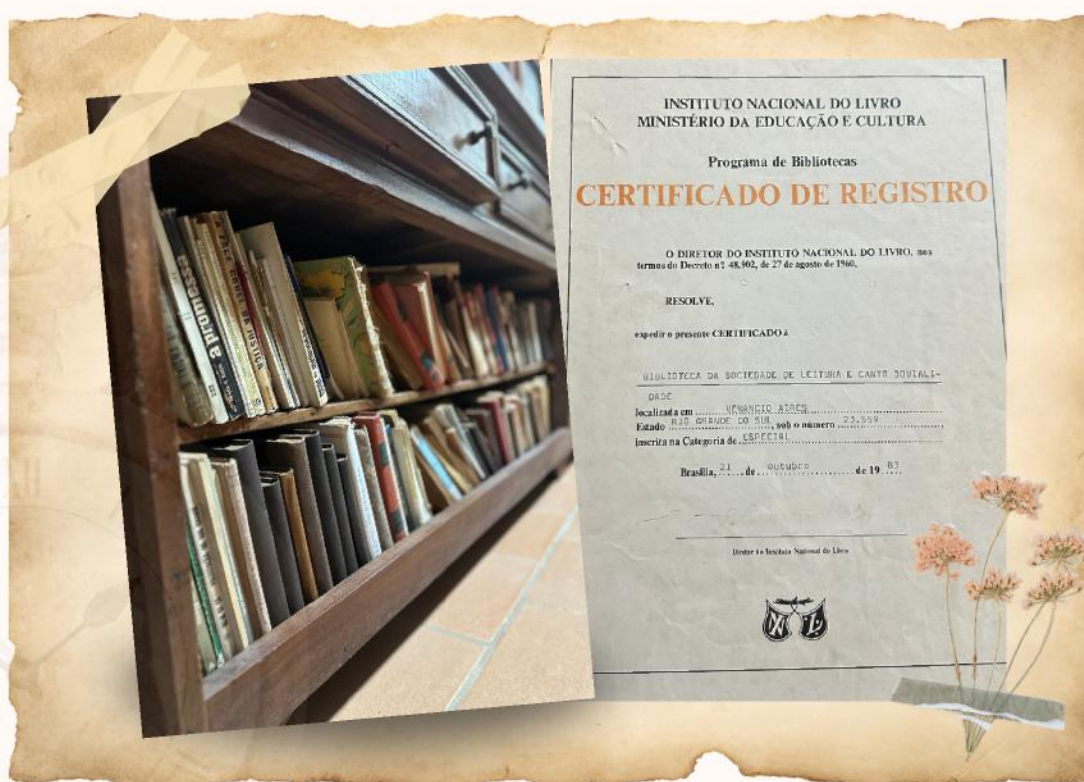
Entre as curiosidades sobre a biblioteca, destaca-se a lista de bibliotecários que serviram ao longo dos anos: Otto Wazlawosky, Otto Albrecht, Rudiberto Pohl, Carlos Schubert, Jones Richter e Iolandi Schmidt. O livro mais antigo no acervo, de acordo com os pesquisadores da biblioteca, é *Der Christlichen Staat* (O Estado Cristão), datado de 1875 e recebido como doação em 1972.



Um dos livros mais raros é *Aus Meinem Leben* (Da Minha Vida), de 1914, escrito em alemão gótico. Este livro contém a autobiografia de August Bebel, um dos fundadores do antigo Partido Socialista dos Trabalhadores da Alemanha (1874), afiliado à Internacional Socialista e hoje conhecido como Partido Social-Democrata da Alemanha, que foi severamente perseguido durante o Terceiro Reich.

Outro destaque no acervo é *Der Floh und der Geiger* (A Pulga e o Violinista), de 1923. Quando escolas visitam a biblioteca com seus alunos, eles costumam mostrar grande atenção e curiosidade, ouvindo atentamente as histórias contadas sobre o local.

A biblioteca recebe visitantes e pesquisadores mediante agendamento. Embora esteja aberta à comunidade, não realiza mais empréstimos de exemplares, com o objetivo de preservar o valioso acervo histórico.



Caminhos da educação

As primeiras aulas em Linha Andréas eram ministradas em residências particulares e eram conduzidas em língua alemã por pessoas com maior capacidade pedagógica na época. Essas aulas improvisadas desempenhavam um papel essencial ao fornecer a educação básica às crianças da comunidade. Por volta de 1910, foi construída uma modesta escola, marcando o início do ensino formal na região.

Em 1941, o educandário recebeu a denominação de Escola Carlos Gomes, e ao longo dos anos, passou por diversas mudanças de nome, refletindo o crescimento e as alterações administrativas da instituição. Entre as denominações que a instituição recebeu, destacam-se: Escola Municipal de Linha Andréas, Escola Santo André, Escola Linha Andréas, Escola Rural Estadual Santo André e Escola Rural de Linha Andréas.



O prédio da escola foi inaugurado em 12 de setembro de 1960, representando um novo marco na história educacional da comunidade, e era construído em alvenaria. Posteriormente, a escola foi renomeada para Escola Rural Avaí, e mais tarde para Escola Municipal de Ensino Fundamental Avaí, e, finalmente, para Escola Estadual de Ensino Fundamental Avaí.

Inicialmente, a instituição contava com três salas de aula e não possuía banheiros. Para suprir essa necessidade, os agricultores locais se mobilizaram. Com a colaboração do CPM (Círculo de Pais e Mestres), foi construído um anexo que incluía uma secretaria, cozinha, quatro banheiros e lavatório para as crianças, além de um espaço coberto para os dias de chuva. Esse projeto foi realizado com o esforço da comunidade, sem intervenção administrativa externa, financiado por meio de festas, rifas e demais arrecadações. Infelizmente, o prédio encontra-se atualmente desativado, mas a construção foi um exemplo do esforço coletivo dos agricultores da região.

A trajetória da escola é marcada pela dedicação de vários professores que contribuíram significativamente para a educação das crianças e jovens da região. Entre os educadores que deixaram um legado na instituição, destacam-se: Alcido Albrecht, João Diehl, Mário Masseroni, Araci E. Richter, Delci Wolschick, Angelo Laste, Cleide B. da Rosa, Enar Martins, Teodoro Staub, João P. da Rosa, Ivo Waslawosky, Clari Geller, Eva M. da Cruz, Iolandi F. Schmidt, Helena C. Bohn, Roseana Bessler, Ingrid S. Richter, Silvânia Richter, Deonise Bienert, Ilene Siebeneichler, Maristela Eggers, Pedro Johann, Clécia B. Jantsch, Solange Back, Márcia Finkler, Leni Schwingel, Cássia Schwingel, Laura Finkler, Jones Richter, Eara Henckes e Neusa Peiter, que foi a última professora antes do fechamento da escola.

Professores como Henrique Frohlich, Estefan Feix, Bertoldo Kraemer, José Maria, Otto Kollneck, Antônio Freitag e Aneli Jubal Junqueira também merecem destaque por suas contribuições. Cada um desses educadores trouxeram uma contribuição única, moldando o caráter e o conhecimento de inúmeras gerações de estudantes. A escola, então chamada Avaí, sempre fez parte da comunidade, e seu fechamento foi sentido como uma perda significativa para a comunidade local.



Paixão pelo futebol: Dois times que fizeram história na localidade

Em meio às paisagens acolhedoras da Linha Andréas, um símbolo de tradição e paixão pelo futebol se ergue: o Esporte Clube Juventude. Fundado em 11 de novembro de 1969, o clube iniciou sua trajetória de forma modesta com apenas 22 associados e um pavilhão rústico de madeira. Desde então, Juventude tem enfrentado desafios e transformações, desde a construção de novas instalações até a superação de dificuldades logísticas que impactam seu desempenho esportivo. A história do time é marcada pela resiliência e pelo amor à prática esportiva, refletindo a forte conexão entre o clube e a comunidade.

Devido a sua localização e sendo popularmente conhecido como Alto Sampaio, existiu em Linha Andréas a primeira estrutura construída de um pavilhão rústico de madeira. Posteriormente, em 30 de setembro de 1989, foi inaugurado um salão de madeira próximo ao antigo pavilhão. No entanto, após um temporal que destruiu essa construção, foi erguido um salão de alvenaria no mesmo local, inaugurado em 19 de junho de 1993. A sociedade abriga uma cancha de bocha e a Sociedade Esportiva Cultural 13 de Maio, fundada em 13 de maio de 1973 com 15 sócias, além de manter o Esporte Clube Juventude, que se dedica ao futebol.

Os presidentes que têm liderado o Esporte Clube Juventude desde a sua fundação são:

1969 - 1972 - Emilio Jacobsen
1973 - 1974 - Arildo.Schulz
1975 - Ornélio Wollmann
1976 - 1977 - Alcido Schulz
1978 - Irineu Bienert
1979 - 1984 - Selmo Seifert
1985 - 1987- Egon Bienert
1988 - 1989 - Helio Farsen
1990 - 1993 - Egon Bienert
1994 - Selmo Seifert
1995 - João B. Franck

1996 - Egon Bienert
1997 - 1998 - Erlane Schulz
1999 - 2000 - Egon Bienert
2001 - Selmo Seifert
2002 - 2005 - Evaldo Schuster
2006 - 2007 - Erlane Schulz
2008 - 2010 - Evaldo Schuster
2011 - 2012 - Selmo Seifert
2013 - 2015 - Ismael Bienert
2016 - 2018 - Marciano Schulz
2019 - Erlane Schulz



Time do Esporte Clube Juventude



Salão de alvenaria construído em 1993

O Esporte Clube Juventude, atualmente, enfrenta desafios significativos que impactam o desempenho e operação. As condições das pontes e estradas na região afetaram negativamente a logística do time, tornando a montagem da equipe, uma tarefa difícil e onerosa. A dificuldade em formar um elenco, que frequentemente conta com jogadores de fora, resulta em custos elevados e pouco retorno.

Nos últimos anos, o Juventude têm participado de maneira mais ativa da Copa Serrana. A competição mais memorável e relevante para o clube foi a de 2019, quando alcançou o vice-campeonato sob a liderança do treinador Fabiano Coberlini.

O Juventude teve suas origens no pátio da escola local, onde uma vaquinha foi organizada para a compra de uma bola. Com o tempo, o grupo evoluiu e se tornou um clube formal. O time participa apenas de um campeonato por ano e enfrenta dificuldades em encontrar uma nova diretoria para conduzir as atividades.

Enquanto o Esporte Clube Juventude luta para superar os desafios pelas imposições precárias, a história do Avante oferece uma perspectiva de resiliência e sucesso em um contexto semelhante. Valmor Back, que chegou em Linha Andréas em 1982 para integrar o Avante, testemunhou a evolução do clube, desde suas participações marcantes na Taça de Ouro até conquistas significativas em competições regionais como a Taça da Amizade e a Copa Serrana.

Apesar das adversidades e da crescente dificuldade financeira que levou a uma retração em algumas competições, o Avante conseguiu manter sua relevância e paixão pelo esporte. Ambos os clubes, Juventude e Avante, refletem a força da comunidade e a determinação de seus integrantes em preservar a tradição do futebol.

A trajetória de Valmor e a resiliência do Avante, juntamente com as lutas atuais do Juventude, ilustram a persistência e o espírito esportivo que definem o cenário.

Valmor Back desempenhou um papel fundamental como treinador do Avante. Durante sua trajetória, ele testemunhou a participação do time em diversos campeonatos regionais e municipais.

O Avante, além de sua participação em competições esportivas, também esteve envolvido em eventos sociais, como a escolha das soberanas do campeonato municipal, um evento que promovia o engajamento da comunidade. Em um desses eventos, a filha de Valmor, Kelly Daiane Back, foi eleita segunda princesa do campeonato, destacando ainda mais a ligação da família Back com o clube.



Time do Avante

Com o tempo, surgiram novas competições, como a Taça Farroupilha, onde o Avante novamente alcançou a final, mas ficou com o vice-campeonato. Após a descontinuação desse torneio, foi criada a competição Vale do Sampaio, na qual o Avante se destacou ao chegar à final contra a Soessa, trazendo grande público a Linha Andreas.

Durante os anos em que o futebol local esteve inativo, Valmor recorda com nostalgia os amistosos realizados, frequentemente em condições improvisadas, como as viagens em caminhões de leite. No entanto, com a formação de novas diretorias e a organização de novos campeonatos, o Avante retomou seu protagonismo, conquistando o título de um campeonato regional em Sérió, após um longo período sem vitórias significativas.

Em 2010, Valmor celebrou a conquista do título da Taça da Amizade, coincidindo com a coroação de sua filha como Garota Amizade, um marco de orgulho para ele. Com o passar do tempo, a taça tornou-se um campeonato caro e desafiador, levando alguns clubes a se desligarem. Contudo, o Avante continuou sua trajetória vitoriosa na Copa Serrana, alcançando o tricampeonato e diversas finais. Para manter o futebol ativo ao longo do ano, foi criada a Liga, na qual o Avante também se destacou, conquistando títulos e mantendo a tradição do futebol na comunidade.

Hoje, o Avante é um clube com uma história rica e vitoriosa, fruto da dedicação dos jogadores, da diretoria, do apoio da torcida e do forte envolvimento da comunidade de Linha Andréas. A paixão pelo futebol permanece viva, com competições não apenas nos campos aos finais de semana, mas também em eventos paralelos, como o campeonato de veteranos, onde o Avante continua a colecionar títulos. A história do Avante é, sem dúvida, um testemunho da força e do espírito de união da comunidade de Linha Andréas.



A história e a missão da Comunidade Evangélica

A Comunidade Evangélica de Linha Andréas foi fundada em 27 de junho de 1915, tendo como fundadores Guilherme Dammann, Carlos Folz, Guilherme Züge, Manoel Becker, Frederico Schulz, Germano Schuch, Henrique Dammann, Gustavo Krielow, Jacob Neibert, Gerhard Pick, Ferdinand Krielow, Roberto Erdmann, Alberto Krielow, João Neibert, Henrique Huwe, João Fröhlich e Frederico Pohl. A aquisição do terreno ocorreu em 23 de outubro de 1925, com uma área aproximada de 2.178 m², doada por Ervin Röhsler.



A construção da capela foi concluída no ano de 1930. Ao longo dos anos, a Comunidade foi atendida pelos seguintes pastores: Basenwald, Josef Sindelar, Hermann Grüsana, Gerhardt Briesse, Albino Kempf, Orlando Stelter, Walter Göede, Ildo Kaiser, Ivário Friese e, atualmente, Clarise Holzschuh. A missão da entidade é proclamar o Evangelho de Jesus Cristo, convocando as pessoas ao arrependimento por meio da mensagem de perdão e vida nova em Cristo, além de dedicar-se à assistência espiritual e à caridade. Atualmente, a comunidade conta com 102 membros batizados e realiza cultos mensais, oferece ensino confirmatório e desenvolve o programa "Missão Criança". A comunidade é integrante da Associação de Leitura e Canto Jovialidade.



O cristianismo e o surgimento da Comunidade Católica Santo André

A comunidade católica Santo André foi fundada em 1º de dezembro de 1968. Em 1972, a construção da igreja foi concluída e o terreno onde foi edificada foi doado pelo morador Élio Richter. Antes da construção da igreja, as missas eram celebradas na sede da escola de Linha Andréas, onde os moradores se reuniam para os serviços religiosos. O primeiro padre a assumir a paróquia foi Irno Gröff, embora, antes da fundação oficial da comunidade, o padre Estanislau Mallmann já ministrasse missas na escola.

Em 25 de agosto de 2007, as comunidades católica e evangélica de Linha Andréas inauguraram a primeira câmara mortuária da localidade, uma obra realizada em colaboração com municípios de Venâncio Aires e Santa Clara do Sul.



Em 2024, foi concluída uma importante reforma na Igreja Católica Santo André, marcando um novo capítulo na história da comunidade.

Padres que passaram pela Igreja Católica:

- Cônego Estanislau Mallmann - 1942
- Irno Gröff - 1967
- Vonibaldo Wagner - 1976
- Loreno Konzen - 1988
- Francisco Altenhofen - 1996
- Loreno Konzen - 2001
- João Batista dos Santos - 2003
- Leon Gomes da Silva - 2005
- Irineu Sehnem - 2014
- Pedro Rockenbach - 2022 até os dias de hoje



Cemitérios

No século XIX foram criados os primeiros cemitérios de Linha Andréas, um situado na divisa em Linha Santana, e outro na margem esquerda do Arroio Santos Filho. Ambos foram desativados, um deles pela grande quantidade de rochas presentes no local.

Posteriormente, foi criado o cemitério misto de Linha Andréas, fundado em agosto de 1909, onde é possível identificar alguns túmulos, com a cruz cortada, que indicam que as pessoas sepultadas não possuíam religião.



Posteriormente, em colaboração com a Igreja Católica, foi estabelecido o Cemitério Católico de Linha Andréas, em terras doadas por Odilo Richter. Fundado em 1978 com 20 sócios fundadores. O primeiro sepultamento realizado no local foi de Balduino A. Vogt.

O sepultamento exigiu o deslocamento do corpo para Linha Picada Bohn, onde as máquinas da prefeitura foram mobilizadas para remover um pé de taquara e criar espaço para o túmulo. Na época, o Vogt exercia a presidência da comunidade e foi o primeiro a ser sepultado no novo cemitério.

Atualmente, existem dois cemitérios em Linha Andréas: um localizado ao lado da Igreja Católica Santo André e outro situado em uma área mais elevada, conhecido como cemitério de Arnaldo Posselt.



O primeiro hospital de Venâncio Aires

Conforme relatado por antepassados da localidade, o primeiro hospital de Venâncio Aires foi construído em Linha Andréas, precedendo a fundação do Hospital São Sebastião Mártir. Segundo os relatos dos moradores mais antigos, a criação ocorreu após dificuldades enfrentadas pelos imigrantes para se deslocarem até São Gabriel, Cruzeiro do Sul, para receber atendimento médico.

Em um esforço comunitário, a população ergueu uma casa que se tornou o hospital, onde o médico Werner Wende, vindo da Alemanha, propôs-se a realizar atendimentos utilizando seu próprio material. O profissional, ao estabelecer-se na localidade, construiu sua residência e, juntamente com a família, dedicou-se ao atendimento médico.



Nos casos que exigiam procedimentos mais complexos para a época, Wende contava com o auxílio do Dr. Robert Flaischud, de Lajeado, que se deslocava até o interior para realizar as cirurgias no pequeno, mas importante, hospital.

O edifício, que foi demolido em 1978, possuía 12 quartos e uma sala de cirurgia, sendo construído em estilo enxaimel. Acredita-se que o hospital tenha funcionado por cerca de 30 anos, encerrando suas atividades na década de 1950. Fatos curiosos e episódios trágicos fazem parte da história da unidade, como o relato de uma criança que, após nascer, foi internada no hospital com a doença conhecida na época como "crupe" e veio a falecer, como ocorreu com muitas outras pessoas.

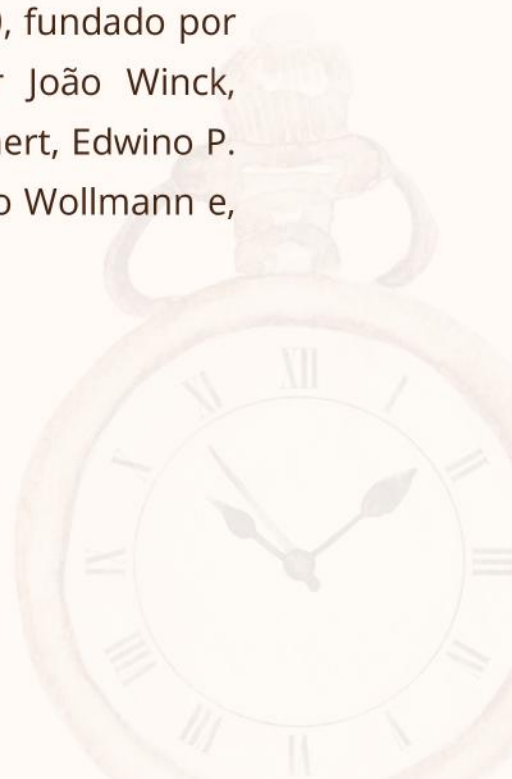
O hospital era equipado com energia elétrica, gerada pelos moinhos locais, que acionavam os equipamentos necessários para o seu funcionamento. Em 1978, decidiu-se pela demolição do prédio, utilizando-se o material para a Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade, conforme registrado em atas. Embora o hospital estivesse equipado e em ordem, as exigências legais para a obtenção de verbas, como a necessidade de alvenaria completa, somadas à falta de médicos, levaram à desativação do hospital local. A localidade contava também com uma farmácia e um farmacêutico, mas fechou suas portas juntamente com o hospital.

Os moinhos como fontes de energia

O Moinho de Linha Andréas, um dos mais antigos da região, foi construído por volta do ano de 1900 e encontra-se atualmente completamente desativado, devido à redução da vazão de água do Arroio Sampaio. Com o advento do progresso e a introdução da eletricidade na comunidade, o moinho passou a depender exclusivamente da moagem manual. Seus primeiros proprietários foram o Josef Hansel, seguido sucessivamente por Oskar Wazlawovsky, Friedrich Pohl, Fernando Eichler, Hélio Kunkel, Ewaldo Eichler e, por fim, Clécio Eichler.

O moinho desempenhou um papel significativo no desenvolvimento da comunidade, fornecendo energia elétrica para algumas residências, o salão de baile e o pequeno hospital. Durante o período de colonização, a estrutura operava como moinho de milho e descascador de arroz. Ele possuía uma roda gigante que funcionava de maneira inversa ao habitual; a água tocava a roda por baixo, ao invés de fluir sobre ela. Com o avanço da modernidade, o moinho gradualmente perdeu sua função até ser completamente desativado.

Um segundo moinho surgiu no início da década de 1920, fundado por Benedik Massmann e, posteriormente, adquirido por João Winck, seguido por Adolfo Pilz, Edmundo Richter, Leopoldo Bienert, Edwino P. Lohmann, Rainholt Posselt, Waldemar Wollmann, Ornélio Wollmann e, por último, Clécio Wollmann.



Além de funcionar como moinho, a estrutura também servia como descascador de arroz, serraria, moenda de cana-de-açúcar, gerador de energia, carpintaria, marcenaria e ferraria.



Em 1995, um incêndio destruiu a maior parte do moinho, restando apenas a ferraria em funcionamento. Naquela época, o Rainholt Posselt, que também possuía um engenho, utilizava a serraria para fabricar caixões para a comunidade. Em casos de falecimento, os membros da comunidade procuravam Rainholt, que prontamente preparava os caixões para os familiares.

É importante destacar que este moinho era um centro multifuncional, atendendo às diversas necessidades da região. Os colonos da região utilizavam o moinho para comprar e vender suas produções, frequentemente recorrendo ao escambo em vez de transações monetárias. Era comum realizar trocas de bens, como peças para a construção de casas de madeira, galpões, cercas de lavouras, poteiros e outras benfeitorias.

Rainholt Posselt, um dos proprietários do moinho, introduziu um dispositivo de alerta sob a estrutura do moinho: uma espécie de foguete carregado com pólvora, destinado a alertar os vizinhos em caso de incêndio, para que pudessem oferecer ajuda. Infelizmente, o dispositivo falhou no momento crucial, e o alerta não foi ouvido a tempo. Quando os vizinhos perceberam o incêndio, o moinho já havia sido consumido pelas chamas.

Monumento histórico: A roda do moinho

A família Eichler preservou o moinho ao longo de três gerações. Inicialmente sob os cuidados do avô de Clécio Eichler, Fernando Eichler, e posteriormente administrado por seu pai, Evaldo Eichler, o moinho tornou-se uma parte integral da vida de Clécio desde sua infância. Antes de completar 10 anos, ele já estava envolvido nas atividades do moinho, da serraria e dos dois galpões adjacentes, localizados próximos à residência da família.



Em 2024, contudo, a maior enchente registrada no Rio Grande do Sul destruiu essas estruturas. A roda de aço do moinho, que permaneceu parcialmente soterrada às margens do Arroio Sampaio, era um componente crucial, originalmente adquirida em várias peças provenientes de Estrela. A roda teve como primeiros proprietários Josef Hansel, passando sucessivamente por Oskar Wazlawovsky, Friedrich Pohl, Fernando Eichler, Hélio Kunkel, Evaldo Eichler e, finalmente, Clécio Eichler.

Essa roda d'água desempenhou um papel vital no funcionamento do moinho. Embora a correnteza tenha levado a serraria e os galpões, a roda de aço do moinho permaneceu como o último vestígio de uma era que impulsionou o desenvolvimento do Vale do Sampaio.

Durante um encontro voltado para o resgate histórico de Linha Andréas, Moacir Eisermann, responsável por entrevistas e documentações para a emissora local, sugeriu que, além dos registros em áudio e vídeo, deveria ser deixado um legado físico. A proposta de retirar a roda de aço das margens do arroio e colocá-la em frente à Associação de Leitura e Canto Jovialidade de Linha Andréas foi bem recebida. A roda serviria não apenas como um marco turístico, mas também como uma homenagem a todos os moradores que contribuíram para o surgimento e o progresso da comunidade. A ideia foi levada adiante e os membros da comunidade solicitaram à família Eichler a doação da roda, consolidando seu papel como um símbolo de perseverança e desenvolvimento local.

A força do Arroio Sampaio

O Arroio Sampaio, atravessando a Linha Andréas, desempenha um papel importante para a comunidade local desde o início da colonização. Os primeiros colonos, reconhecendo a importância do acesso à água, estabeleceram suas residências nas proximidades do leito do arroio, utilizando suas águas tanto para atividades diárias quanto para o sustento dos animais.

Este curso d'água, originário no município de Boqueirão do Leão e desaguando no rio Taquari, em Cruzeiro do Sul, percorre diversas localidades, contribuindo para a colonização alemã em vários municípios da região.

As terras ao longo do Arroio Sampaio foram amplamente loteadas e cultivadas, aproveitando a força hidráulica da correnteza para movimentar engenhos. A roda d'água, ou roda hidráulica, transformava a energia da água em rotação, convertendo-a em energia mecânica útil. Este mecanismo não apenas impulsionou a produção agrícola, permitindo o descasque de cereais, manejo de erva-mate e prensagem de cana-de-açúcar, mas também gerou energia elétrica para a comunidade. Antes da chegada da eletricidade em 1972, a iluminação na região era fornecida por lampiões ou pela energia gerada por um moinho.

Além de sua importância prática, o Arroio Sampaio sempre foi valorizado como um local de lazer, onde os moradores podiam desfrutar de churrascos e banhos em suas águas. O Camping Decker, localizado em Sampaio, município de Sério, exemplifica essa tradição de lazer. Contudo, a força do arroio também se revelou destrutiva, especialmente durante a enchente de 2024, que causou significativa destruição, incluindo a perda de uma área de lazer e a remoção de várias pontes.



Atendimento odontológico

No início do século XX, a localidade de Linha Andréas contava com serviços odontológicos oferecidos por diversos profissionais, entre eles Fritz Engler, Heinrich Hermes e Leopoldo Storck, que se deslocavam de Vila Teresinha para atender a comunidade. Outros dentistas que prestaram serviços à população foram Balduino A. Vogt, Ernesto Rauber, Ivo Rauber e Carlito Vogt. Atualmente, não há mais atendimento odontológico na localidade.

Quando Balduino A. Vogt atuava em Linha Andréas, o consultório funcionava junto à sua residência, e a sala de espera integrava o espaço doméstico. Os pacientes vinham de outras localidades, como Linha Cachoeira e Linha Brasil, deslocando-se a pé ou a cavalo para receber atendimento, que era escasso na época. O consultório iniciava as atividades cedo, por volta das 6 horas da manhã, como não havia iluminação elétrica, era necessária a luz natural do dia para os atendimentos.



A cadeira utilizada por Balduino durante seus primeiros atendimentos está preservada no Museu de Venâncio Aires. O equipamento, que operava com um sistema de pedal, não possuía o movimento de "trans bug", que permite inclinar a cadeira, como é comum nos dias de hoje. A cadeira foi empregada até meados da década de 1950.

Balduino, assim como muitos de seus colegas de profissão na época, era um prático licenciado. Esses profissionais recebiam uma formação básica de um ano em Porto Alegre, com ênfase na área da odontologia, uma vez que não havia, na época, faculdades específicas para odontologia.

Durante o período em que Balduino A. Vogt trabalhou em Lajeado, ele passou a utilizar equipamentos mais modernos, refletindo a evolução da prática odontológica ao longo dos anos. Vogt iniciou sua carreira em 1933, como prático licenciado, e realizava diversos procedimentos, incluindo a confecção de próteses, dentaduras e pontes, todos feitos manualmente em sua residência.



A farmácia

No ano de 1950, o Dr. Willy Kenz, um médico formado que, devido a problemas de saúde, não atuava na sua profissão, chegou à localidade de Linha Andréas. Ele teve a ideia de abrir uma farmácia; no entanto, enfrentou dificuldades iniciais devido à resistência do Dr. Martin Wende, que desejava que a farmácia permanecesse vinculada à sede do hospital por questões financeiras.

Diante dessas dificuldades, o Dr. Kenz decidiu estabelecer sua farmácia em uma sala próxima ao hospital, oferecendo uma ampla gama de medicamentos. Com isso, a farmácia do Dr. Willy Kenz tornou-se bastante conhecida nas localidades vizinhas e atraiu clientes de áreas próximas, fazendo a população da região buscar suas medicações em Linha Andréas. Ela permaneceu ativa por aproximadamente cinco anos após o fechamento do hospital, mas, com a redução da demanda por medicamentos, suas atividades foram encerradas.

A tradição das parteiras

Conforme relatam os antepassados, as parteiras desempenhavam um papel fundamental no auxílio ao nascimento das crianças na época. Considerando que todos os partos eram realizados em casa, qualquer intercorrência que impedisse o parto normal exigia o uso de instrumentos como o fórceps. Infelizmente, mesmo com o uso desse dispositivo, muitas crianças não sobreviveram.

Quando a família possuía outros filhos, o pai os levava para outro local, a fim de evitar que testemunhassem o processo do parto. A duração variava consideravelmente; alguns eram rápidos, enquanto outros podiam se estender por horas ou até mesmo dias. Contudo, as parteiras permaneciam na casa até que tanto a mãe quanto o bebê estivessem bem.

Elas deslocavam-se até a residência da gestante montadas a cavalo. Utilizavam principalmente tesoura, linha e suas mãos para realizar o trabalho necessário.

Muitos membros da comunidade de Linha Andréas nasceram com a assistência de parteiras em suas casas. Entre as mais lembradas estão Elvira Posselt e Natália Cena.

As antigas casas comerciais

As primeiras casas comerciais eram o centro de tudo para os imigrantes alemães. O armazém comportava salão de baile, correio e até banco. A mais antiga iniciou suas atividades por volta de 1930, conhecida como Casa Comercial Foltz, que também funcionava como salão de baile. Após o falecimento do proprietário e fundador, Carlos Foltz, o estabelecimento foi adquirido pelo genro, Antônio Cardoso, seguido por Oswaldo e Helmuth Foltz, Bruno Müller e Bruno Bruch, e por último, Odilo Richter.

Outro comércio notável era o de Oskar Uhry, localizado inicialmente próximo ao Cemitério Número 1 de Linha Andréas, que incluía um salão para bailes e festas. Mais tarde, Uhry construiu ao lado do salão uma casa para instalar seu comércio.



Casa comercial e salão de festas Uhry

Diversas foram as mudanças de proprietários do salão e do comércio ao longo do tempo, incluindo Fritz Umann, Arno Ebeling e Arnaldo Posselt. No início da colonização, o intercâmbio comercial se resumia pela troca de cereais, artigos ou animais, devido a escassez de moeda e as dificuldades de transportar os produtos. Eram ali realizadas as maiores transações comerciais.

Conforme relatos de Elário Richter, o avô dele, Reinoldo Richter, puxava banha para São Gabriel e trazia roupas de Porto Alegre para os comerciantes Arno Ebeling e Arnaldo Posselt. No lombo do cavalo ou em carroças, os colonizadores faziam o transporte das mercadorias.

Com o tempo, começava-se a perceber que a diversificação de produção dava a eles a condição de poder permanecer na localidade. Assim, também alguns insatisfeitos decidiam abandonar e migrar em busca de novas áreas onde opções de produções eram mais favoráveis.

Outro relato interessante, com mais detalhes, refere-se a Bruno Alcido Müller, que também teve um comércio em Linha Andréas. Ele recebia dos agricultores produtos como ovos, nata e até aves. Em troca, os agricultores adquiriam alimentos que eram trazidos de fora, como sal, açúcar e erva para o chimarrão.



Casa comercial e salão de festas Folz

Um fato relevante da época é a referência à empresa Lacesa, atualmente extinta, mas que, na época, transportava tonéis de nata de Lajeado para que o Sr. Müller os comprasse e abastecesse. No final de semana, o caminhão passava novamente para recolher os tonéis. Assim, havia uma troca de alimentos, onde o que era produzido na comunidade era trocado por produtos que não estavam disponíveis localmente e vinham de fora.

A casa comercial também servia como um ponto de conexão com o Correio, onde cartas de parentes e amigos que já haviam emigrado eram deixadas para os destinatários e vice-versa. Essas correspondências frequentemente traziam relatos que incentivavam a chegada de novos grupos à região de Linha Andréas.

O fechamento do comércio foi resultado da diminuição da população e, progressivamente, também pelo fechamento da escola. Atualmente, não há nenhum comércio ativo em Linha Andréas, e os moradores costumam se dirigir a comércios próximos, como em Vila Deodoro, Linha Santana, Vila Teresinha, ou então para a cidade.

Uma história de sucesso: Odilo Richter & Cia Ltda

Por volta de 1955, foi fundada a empresa Odilo Richter & Cia Ltda, quando Odilo Richter, produtor de suínos, adquiriu seu primeiro caminhão. Inicialmente, o veículo era utilizado para o transporte dos próprios produtos de suinocultura, cuja demanda era significativa. Contudo, com o declínio gradual do setor, tornou-se necessário buscar uma nova fonte de renda.

Em meados da década de 1960, Odilo Richter foi convidado a colaborar na coleta de fumo para a Fábrica de Cigarros Flórida S/A. O tabaco, proveniente de pequenos produtores rurais, incluindo Linha Andréas e arredores, era transportado para a empresa em Venâncio Aires. Com o tempo, a empresa expandiu suas atividades para atender indústrias de diversos segmentos, aumentando a área de atuação e as distâncias percorridas.

A Odilo Richter & Cia Ltda também adquiriu um prédio comercial na comunidade de Linha Andréas, onde a empresa operou por décadas. O estabelecimento, conhecido localmente como “venda”, era administrado por Odilo Richter, com o apoio de sua esposa, Aster Richter, que auxiliava no atendimento aos clientes. A “venda” oferecia uma ampla gama de produtos, desde alimentos e tecidos até fertilizantes para cultivo.

A área de transportes da empresa foi posteriormente gerida pelos quatro filhos de Odilo Richter: Claudio, Ernesto, Valdir e Clóvis. Dada a alta demanda, a empresa expandiu suas operações, estabelecendo uma base em Lajeado e ampliando seus serviços para todo o Brasil.

Com o crescimento contínuo da empresa, em 2006, houve uma reorientação para focar exclusivamente no setor de transporte de cargas. A razão social da empresa passou a ser C R Richter Transportes Ltda, sob a administração de Cláudio José Richter, filho do fundador, e Rodrigo Richter, neto de Odilo.

Atualmente, a empresa opera com uma frota de onze caminhões e conta com treze funcionários dedicados aos setores de carga/descarga e transporte. O empreendimento atua em toda a região Sul do Brasil, especializando-se no transporte de produtos para nutrição animal, tanto a granel quanto ensacados, além de fumo, fertilizantes e outros produtos agrícolas.

A empresa busca sempre a satisfação dos clientes e a segurança no transporte dos produtos, mantendo um compromisso com a excelência e a eficácia. Portanto, a trajetória da Odilo Richter & Cia Ltda, hoje C R Richter Transportes Ltda, foi fundamental para o desenvolvimento econômico da região de Linha Andréas, especialmente considerando as dificuldades de locomoção e distância enfrentadas pelos moradores na época.



A arte da madeira: A experiência dos colonos alemães na carpintaria e serrarias

Durante o processo de desenvolvimento do povoado de Linha Andréas, diversas infraestruturas e estabelecimentos surgiram. Destacam-se, entre esses empreendimentos, as serrarias de Pedro Kolz e Reinoldo Posselt. Pedro, era conhecido por fabricar não somente utensílios, mas também caixões, enquanto Reinoldo produzia uma variedade de itens utilitários. Desde o início da colonização, a exploração da madeira foi uma prática comum entre os colonizadores alemães, que a utilizavam de diversas formas, incluindo na construção de casas, galpões, cercas e detalhes arquitetônicos. A madeira nobre foi amplamente empregada.

No setor de carpintaria, destacaram-se moradores como Sr. Albino Haas, Arnoldo Kristmann e Valentim Vogt. Eles eram especializados no acabamento de madeira bruta, processo que envolvia o uso de pequenos machados manuais para moldar a madeira conforme as necessidades. Um aspecto curioso é que eles também fabricavam telhas para coberturas de casas e galpões. Além disso, moldavam a madeira para criar coberturas, forros de casa, assoalhos, janelas, portas e esquadrias. A atuação nesse segmento exigia profundo conhecimento sobre os diferentes tipos de madeira e técnicas de uso.

A história dos ferreiros de Linha Andréas

O primeiro ferreiro da região foi Otto Hoffmann, sucedido por Otto Albrecht. Atualmente, a função de ferreiro é desempenhada por Hilário Albrecht. Além deles, Clécio Wollmann também exerce a profissão.

A Ferraria Albrecht, como era conhecida, estabeleceu-se em Linha Andreas por volta de 1950, antes localizada em Sampaio Sério, do outro lado do arroio, região que na época pertencia a Lajeado.

Otto Albrecht, juntamente com sua esposa Olivia, que lhe auxiliava na ferraria, realizava serviços exclusivamente com ferro, atendendo às necessidades para serviços agrícolas. O ferro era aquecido no fogo e moldado com martelo até adquirir a forma desejada. Naquele período, com a grande quantidade de cavalos na região utilizados tanto para transporte quanto para trabalho rural, a produção e a troca das ferraduras eram responsabilidades de Otto Albrecht.

Com o passar do tempo e a chegada da idade, seu filho Hilário Albrecht, que era fumicultor, começou a ajudar o pai na ferraria por volta de 1979. Nesse período, começaram a adquirir máquinas para trabalhar com madeira, ampliando assim a produção para incluir carroças, charretes, arados, enxadas, cangas e também oferecendo serviços de conserto desses itens.

Além de suas atividades como ferreiro, Otto Albrecht também era conhecido por seu trabalho como "ferreiro dos ossos". Quando o hospital local fechou e a distância até um médico se tornou um problema para quem não possuía veículo, Otto Albrecht era procurado para tratar ossos quebrados ou deslocados. Ele interrompia seu trabalho na ferraria para atender a esses casos, utilizando gravetos cortados, conforme a necessidade de cada membro e faixas para imobilizar o membro lesionado. Em aproximadamente 30 dias, a pessoa retornava para que ele realizasse a avaliação, frequentemente constatando que o osso estava corretamente alinhado e curado.

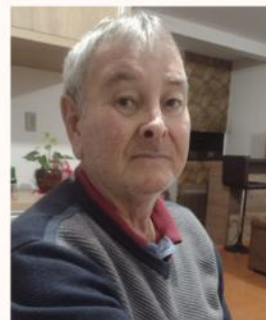


A terra dos motoristas de ônibus

Destacaram-se na atividade de transporte, os profissionais Bruno Büchner, Loivo Eichler, Erno Schuh, Ingo Bienert (já falecido), Rogério Maria (que atuou até recentemente) e Romeu Becker.

De acordo com relatos de Romeu Becker, ele iniciou seu trabalho na empresa Boqueirão em 15 de dezembro. Informou a Dirceu, colega de seu irmão, que pretendia transferir-se para a empresa assim que surgisse uma vaga. Pouco depois, Bruno, responsável pela Viasul, ofereceu-lhe uma vaga para começar no sábado, coincidentemente o dia do casamento do filho de Bruno, Clóvis. Na mesma noite do casamento, um ônibus de Venâncio a Santa Clara deixou Romeu e sua esposa no Gigante, de Linha Travessa, e ambos foram ao baile. Romeu trabalhava nas manhãs até o meio-dia, retornando ao final da tarde, frequentemente enfrentando condições desafiadoras.

Romeu Becker mencionou que o caminhão 12, com freio a líquido, apresentava problemas frequentes de vazamento. Quando um cano estourava, não havia mais freio, o que levou a empresa a fornecer um rebite para o conserto temporário. Entre os caminhões que trabalhou, recorda-se dos números 12, 22, 38, 280 e 400, sendo o caminhão 38 o mais antigo e maior, utilizado na linha de transporte. Ingo Bienert, seu predecessor, havia utilizado o caminhão 38, e Romeu seguiu seus horários, realizando trajetos entre Linha Andréas, Teresinha, Mato Leitão, Venâncio Aires, Santa Clara do Sul e Lajeado. O trabalho exigia longas horas na estrada, sempre enfrentando veículos lotados.



O transporte atendia estudantes e as bandas, sendo que o caminhão 22 era particularmente útil para transportar equipamentos e permitir que os músicos dormissem durante as viagens. Romeu relatou que os horários eram rigorosos e as condições de trabalho desafiadoras, mas expressou orgulho pelo esforço dedicado.

Curiosidade: Compras à cavalo

De acordo com as recordações da infância de Carlito Vogt, filho do dentista de Linha Andréas, Balduino Vogt, ele era responsável por arrecadar o dinheiro e as encomendas de todos, incluindo professores, o médico, o farmacêutico e sua própria família. O açougue, que abria normalmente às sextas-feiras, atendia às necessidades da comunidade local. Carlito realizava a tarefa à cavalo, levando consigo pequenos sacos separados por encomenda, com o dinheiro e o respectivo pedido.

O açougueiro colocava a carne em sacolas específicas, que eram então acomodadas nas malas de garupa do cavalo. Assim, Carlito retornava à localidade e entregava as carnes aos seus destinatários. Carlito se oferecia voluntariamente para realizar essa tarefa, pois, na época, não havia outra pessoa disposta a desempenhar essa função.



A origem do nome de Linha Andréas

O nome Andreas era bastante comum na República Austríaca, de onde muitos imigrantes vieram para a América do Sul. Em Salzburgo, na Áustria, a Igreja de Santo André reflete a popularidade desse nome na localidade.



A influência austríaca dos imigrantes boêmios é evidente no Rio Grande do Sul, como demonstrado pelos nomes de locais como a Colônia Nova Áustria (Neu Österreich), fundada em 1873 na região de Paverama, e a Linha Áustria, no município de Santa Cruz do Sul.

Os colonos da Colônia de Monte Alverne se dirigiram para o norte e a serra. Imigrantes boêmios de língua alemã se estabeleceram em áreas que hoje correspondem a Venâncio Aires, incluindo Linha Saraiva, Linha Cipó, Linha Isabel, Vila Deodoro, Linha Cecília e Alto Sampaio. Eles também se expandiram por Linha Santa Emília, Linha Santana, Linha Duvidosa e Terezinha, avançando ao longo das margens do Arroio Sampaio. Um exemplo é Josef Feix, que tinha 42 anos, e sua mãe, Anna Maria Schroeder, de 30 anos, quando Julia Feix nasceu em 1868, na Boêmia, Áustria. Julia casou-se com Estevan Haupt e residiu em Vila Deodoro. Ela faleceu em 1952, aos 83 anos, e está enterrada em Linha Isabel.



C

O nome Linha Andréas está diretamente associado à religiosidade, como uma homenagem a Santo André, padroeiro da localidade. A evidência disso pode ser vista nos nomes das localidades vizinhas, como Linha Santana (Santa Ana), Linha Cecília (Santa Cecília), Linha São Pedro, Linha Santa Emília, Linha Isabel (Santa Isabel) e Vila Terezinha (Santa Terezinha). Além disso, Santa Clara do Sul e a antiga Vila de São Sebastião Mártir (atualmente Venâncio Aires) reforçam essa conexão religiosa. O nome Andréas, que para os alemães é Andreas, sublinha ainda mais a relação com o santo protetor da região. Na Igreja Católica, Santo André é conhecido como o primeiro discípulo dos 12 apóstolos de Jesus Cristo.

Sugestivas homenagens

Uma possível homenagem seria dedicada a um dos primeiros colonizadores da Alto Sampaio, Andreas Feix, pai de Reinhold Feix. Reinhold é registrado no lote TIRO 564, número 7, na região de Terezinha. Outra homenagem poderia ser a André Bello, cujo nome está associado à Colonizadora Pereira, administrada pelos irmãos Henrique e Antônio Baptista da Silva Pereira, em terras pertencentes ao coronel André Bello. Bello possuía terras na encosta da serra, entre os arroios Castelhana e Sampaio. Também poderia ser uma homenagem ao general Francisco de Souza Soares de Andrea, Barão de Caçapava, que governou a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul entre 1840 e 1850.

Andreas: Um nome em destaque na colonização

Andreas Thaler desempenhou um papel crucial na colonização ao liderar uma imigração organizada, envolvendo pessoas de diversas profissões para o Brasil, com o apoio dos governos austríaco e brasileiro. Ele fundou a cidade catarinense de Treze Tílias em 1933, uma colônia de imigrantes austríacos, onde uma praça é dedicada a ele. Após a Primeira Guerra Mundial e a divisão do Tirol, a situação da recém-criada República da Áustria era preocupante. Andreas Thaler, natural de Wildschönau, Tirol, teve a ideia de unir os imigrantes em uma nova terra, resultando na colonização do Brasil.

Vitalde Andreas			
Einst		Jetzt	
Nummer	Kennungsblatt	Nummer	Namen und Anzahl der Familienmitglieder
1	Heinrich Ludwig	7	1 Carlos Holz, 18; Otto Hoffmann, 2; Emil Siebeneichler, 6; Otto Kappel, 4; Ferdinand Eichler, 7; Robert Erzel, 4
2	Andreas Feix und Franz Endler	9	2 Erwin Köhler, 8; Wilhelm Richter, 6; Paul Erzel, 8
3	Thomé da Flores	3	3 Gustav Warte, 7; Witwe Bertha Richter, 9; Hermann Albrecht, 11
4	Jakob Heußer	4	4 Witwe Paulina Pohl, 8; João Pohl, 3

Andreas Feix (Lote 2)

Andreas Feix, um dos pioneiros, era casado com Amalie Feix, nascida Jackel. O casamento ocorreu em 1863 na cidade de Triunfo, e o casal teve um filho, Reinhold Feix, nascido em 1865, em Feliz. Reinhold casou-se com Anna Maria Diemer em 29 de abril de 1882, em São Leopoldo. Anna era filha do padeiro Johann Diemer (falecido em 1908, em Triunfo) e Maria Altmeyer (nascida na Prússia em 1839 e falecida em 1863 em Triunfo). Johann e Maria casaram-se em 1863 na cidade de Trinfo.

Obs.: Reinhold Feix aparece no lote 07, TIRO 654, junto com Pedro Oliveira, José Freitag, Ludovico (Ludwig) Lang, Pedro Schmidt, Rudolfo Reckziegel e Bertholdo Stohr. Esse lote está localizado em Picada Terezinha, na colonização de Sampaio.

Biografia de Iolandi Schmidt

Iolandi Flávia Schmidt nasceu em Linha Andréas, local onde sempre residiu. Após completar seus estudos em Pedagogia em Lajeado, retornou a Linha Andréas e casou-se. Em seguida, iniciou sua carreira na Escola Avaí, onde atuou como diretora por aproximadamente 30 anos. Durante sua gestão, Iolandi dedicou-se intensamente às atividades escolares, envolvendo-se profundamente em eventos e celebrações. Nos últimos anos, Iolandi tem se dedicado à administração da biblioteca da comunidade, sendo responsável pela organização e agendamento de visitas.

Em sua fala, a essência da vida comunitária se desdobrou de maneira encantadora, revelando um lugar onde cada detalhe contribui para a criação de um ambiente acolhedor e vibrante:

"É uma comunidade pequena, mas acolhedora. As pessoas são receptivas e sempre estamos envolvidos com a programação local. Nossa associação mantém uma rica tradição cultural, visível em nosso coral, na biblioteca, nas festas comunitárias, na participação ativa em esportes como o futebol, e em atividades tradicionais como o bolão, a bocha e o carnaval. Aqui, o povo é festeiro, sempre há celebrações e alegria, com eventos como os bolõezinhos de mesa e o Grupo do Lar. Com a recente pavimentação asfáltica, a comunidade ganhou um novo cartão postal, o que realça ainda mais seu charme. É um lugar calmo e tranquilo, tornando a experiência de viver aqui extremamente agradável."



Biografia de Mário Masseroni

Mário Masseroni é natural de Guaporé, região alta do Rio Grande do Sul. Iniciou suas atividades profissionais em Linha Andréas, no dia 29 de abril de 1962, na antiga Escola Rural de Linha Andréas. Ali, trabalhou até 1990, ano em que se aposentou.

Após sua aposentadoria, Mário Masseroni assumiu a função de professor na Escola Municipal 25 de Julho, situada em Alto Sampaio. Ao longo de sua carreira, lecionou em vários educandários do município, incluindo a Escola José de Oliveira Castilhos, onde atuou por nove anos no período noturno. Encerrando suas atividades docentes em 2013, trabalhou na Escola Odila Rosa Scherer.

É casado com Celita, há 61 anos, e tem um casal de filhos. Mário Masseroni e sua esposa, junto com a filha Adriana, residem na comunidade, enquanto o filho Gilmar mora na cidade. Ele revela, com orgulho, o impacto significativo que sua participação nas organizações locais teve em sua jornada:

“Morar aqui em Linha Andréas é muito gratificante e muito agradável. Temos aqui uma tranquilidade total. Aqui constitui minha família e participei durante todo esse tempo como membro da Sociedade de Leitura Canto e Jovialidade. Sou sócio e fundador da Comunidade Santo André. Tenho orgulho de viver aqui, não só pela tranquilidade, mas também pela amizade entre todos os membros dessa comunidade.”



Biografia de Alexandre Eichler

Alexandre Fernando Eichler reside em Linha Andréas há 45 anos, desde seu nascimento. Ele é agricultor e, no passado, atuou como músico, tendo tocado em diversas bandas. Atualmente, desempenha o papel de regente do coral da Associação Leitura e Canto Jovialidade, além de atuar como secretário da associação há 20 anos.

Alexandre também ocupa o cargo de presidente da rede Hídrica de Linha Andréas, que inclui a localidade de Juventude, em Alto Sampaio, e abrange 35 moradores. Ele é um entusiasta do esporte, especialmente do futebol, e participa regularmente das missas na Igreja Santo André. Com uma paixão evidente, Alexandre destaca a importância da preservação da identidade local e o entusiasmo da comunidade em manter viva a herança cultural:

“Viver em Linha Andréas é uma dádiva, tanto pela beleza da natureza quanto pela paisagem que o ambiente proporciona. O povo local é acolhedor e festeiro, sempre promovendo atividades que favorecem a integração da comunidade. Os moradores se empenham em preservar sua identidade e em manter viva a herança deixada pelos ancestrais.”



Biografia Elário Richter

Elário José Richter é residente de Linha Andréas desde o seu nascimento. Seu avô, Reinoldo Richter, nasceu em 1896, e o seu pai, em 1930. Ambos eram colonos, e Elário também se destacou como músico e fotógrafo, profissão que exerceu de 1971 até 2018, realizando filmagens ao longo desse período. Ele já ocupou o cargo de presidente da Igreja Católica e, até hoje, permanece ativo na diretoria. Além disso, fez parte do coral da sociedade por mais de 30 anos. Sua filha, Mariléia, reside em Linha Andréas com seu marido, Alexandre Eichler, e suas duas filhas, Bruna e Rebeca.

Em suas palavras, ele expressa não apenas o orgulho pela comunidade, mas também a serenidade e satisfação que encontrou em sua escolha de permanecer fiel às suas raízes:

“Já tivemos a oportunidade de viajar para diversos lugares e, inclusive, recebemos convites para morar na cidade. No entanto, sempre preferi residir aqui. Meu avô e meu pai me transmitiram estas terras, e eu, por minha vez, pretendo passá-las para minha filha. É muito gratificante viver aqui; nunca enfrentamos dificuldades na localidade. Linha Andréas é uma comunidade altamente respeitada”.



Biografia de Mariléia Eichler

Mariléia Richter Eichler, com 44 anos de idade, sempre residiu em Linha Andréas. Ela é agricultora e faz parte do coral da comunidade há muitos anos. Ela participa ativamente de eventos e atividades promovidos pela sociedade local. Além disso, é uma das coordenadoras do carnaval infantil e contribui para a animação da equipe da Igreja Católica, onde atua como catequista com grande orgulho. Mariléia destaca suas percepções sobre a importância de manter viva a herança de seus antecessores.

"Gosto muito de morar em Linha Andréas e de viver aqui. Estar perto da família, incluindo meu marido Alexandre e minhas filhas, Bruna e Rebeca, é muito gratificante. Aqui temos muitos amigos. A comunidade é muito acolhedora. Tem uma bela natureza. Nossos antepassados escolheram este lugar para viver, e temos o dever de continuar cuidando e preservando-o para as futuras gerações."



Biografia de Eara Henckes

Eara Henckes é moradora de Linha Andréas há 29 anos, é professora e atualmente exerce a função de diretora na Escola Jubal, localizada em Vila Deodoro. Na comunidade, desempenha um papel ativo como catequista e ministra. Além disso, é presidente do coral misto da sociedade e participa ativamente das diretorias comunitárias, frequentemente envolvida devido ao seu marido, que integra quase todas as diretorias da localidade. Ela também contribui para a coordenação do carnaval infantil da comunidade, demonstrando seu compromisso contínuo com o envolvimento e o desenvolvimento local.

“Viver, morar aqui em Linha Andréas é intensamente viver as maravilhas de um mundo rodeado pela natureza. Aqui nós temos reunião de pessoas que têm um vínculo comunitário muito forte, trabalham em prol do comum, da comunidade, tanto da igreja quanto da sociedade. A gente vive muito isso. É muito gratificante poder fazer parte disso. A comunidade é muito tranquila e receptiva.”



Passado todo esse tempo em que os colonos chegaram e estão agora completamente integrados a nova colônia, os seus descendentes ganharam a nacionalidade de brasileiros, mas em suas tradições ainda carregam os laços da sua origem.

A história aqui contada não é o fim de um sonho, mas sim um trampolim no tempo.

Os desafios que antes eram de construir estradas, casas, igrejas e salões de sociedades foram superados.

Os netos e bisnetos dos imigrantes que aqui permanecem continuam a manter e proteger o que já foi conquistado e a cada um deles cabe escrever um novo capítulo nesta história.

O sonho antigo dos imigrantes, hoje, está mais vivo do que nunca.

Linha Andréas é uma realidade e está encravada entre morros verdejantes no interior de Venâncio Aires.

Aqui, o colono prepara a terra, planta e espera pela nova colheita.



Patrocínio:



Realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

